

## **BIOGRAFIA JORGE SAMPAIO**

1. - Antes da campanha eleitoral que o levou a um segundo mandato como PR, o Presidente-candidato convidou-me para uma das Comissões da sua candidatura. Não me recordo qual, nem isso interessa. Disse ao emissário, o nosso Amigo comum Miguel Galvão Teles, que lamentava não poder aceitar, mas já tinha assinado um papel qualquer de compromisso público com a candidatura de António Abreu. Acrescentei que, se este desistisse antes da votação, como eu esperava, ficaria satisfeito por poder votar no Jorge Sampaio. Afinal, o António Abreu foi a votos e eu votei nele. Entretanto, escrevi ao meu Amigo Jorge Sampaio a explicar a razão que me impediu de aceitar o convite, lamentando não ter podido dar-lhe o meu voto.

No dia da tomada de posse do Presidente Jorge Sampaio, encontrei nos corredores do Palácio de S. Bento o Miguel Galvão Teles, que fez um ar muito admirado e perguntou: "O que faz você aqui?" Eu respondi-lhe que na minha terra se diz que *aos casamentos e aos batizados só vão os convidados...* O Miguel abriu um grande sorriso e comentou: "Vocês são dois tipos muito especiais. Você deu-lhe uma tampa; ele convida-o para a tomada de posse e você vem. São dois tipos muito especiais. Fico muito satisfeito por vê-lo aqui". E eu também, respondi. E cada um foi para o seu lugar.

Conheço o ilustre biografado desde 1962. Já lá vão cinquenta anos, meu Caro. Nunca convivemos de perto nem frequentámos os mesmos ambientes. Mas creio poder dizer que, desde então, se estabeleceu entre nós uma amizade cimentada no respeito e na consideração recíprocos, que se têm acrescentado com o passar dos anos. Falo por mim, sem comprometer a outra parte desta relação.

De todo o modo, creio que só estou aqui hoje porque nós (eu e Jorge Sampaio) somos *uns tipos muito especiais*: ele, porque convidou um comunista para vir aqui comentar a vida e os êxitos de um socialista; eu, porque aceitei sem hesitar esse convite, sem ver nenhuma razão que me pudesse levar a rejeitá-lo. Pelo contrário.

2. - Interpretando o mandato que me foi conferido, creio que hoje não estou aqui propriamente para elogiar Jorge Sampaio. Mas já o fiz em sessão pública na Sala dos Capelos, e nessa altura fui eu que me ofereci para o fazer.

Desta vez, porém, as coisas são diferentes.

Trata-se de pôr a apresentar a *Biografia* de um político, alguém que nunca se sentiu atraído pela vida política, embora tenha procurado não desertar do seu posto de soldado raso nas lutas cidadãs.

Trata-se de pôr a apresentar a *Biografia* de uma pessoa importante (e como que predestinada para o ser, pelas suas origens e, sobretudo, pelas suas qualidades) alguém que vem do povo que “não cabe nas crónicas” e que nunca é falado na história.

Desde muito cedo adivinhavam os que o conheciam que Jorge Sampaio iria fazer história. E ele confirmou todas as expectativas. Eu, pelo contrário, sempre acreditei que não passaria à história, apesar de sempre ter procurado seguir o preceito do poeta, fazendo supremamente aquilo que faço, sendo todo em cada coisa, pondo quanto sou no mínimo que faço, acreditando que “A realidade/ Sempre é mais ou menos/ Do que nós queremos./ Só nós somos sempre/ Iguais a nós próprios”.

Meu Caro Jorge Sampaio, foste tu que quiseste assumir os riscos da escolha de um tão desqualificado e desajustado apresentante da tua *Biografia*. Só tenho de agradecer-te o facto de teres escolhido assumir esses riscos. Como sempre, espero não faltar com a lealdade que te devo, porque creio que a lealdade é a pedra angular da amizade, e eu sou teu amigo. E espero ser igual a mim próprio, porque não sou capaz de outra maneira e porque *só nós somos sempre iguais a nós próprios*.

3. - Creio que o José Saramago tem razão quando diz que “as pessoas são, essencialmente, o passado que tiveram”. Por isso, talvez valha a pena falar um pouco da meninice e da juventude de Jorge Sampaio. Nascido numa família, digamos, da burguesia culta e sem dificuldades financeiras, o menino Jorge Sampaio viveu uma infância feliz, entre Lisboa e Sintra, com estadias no estrangeiro e contactos internacionais frequentes. Vivendo em ambientes cosmopolitas e cultos, falava inglês em casa com a mãe e estudou numa escola inglesa, tendo tido aulas de piano e de canto. O investimento dos pais de Jorge Sampaio na educação dos filhos deu frutos

excepcionais, porque os semeadores sabiam o que faziam e o terreno semeado era da melhor qualidade.

Diferentemente de Jorge Sampaio, nasci e cresci numa cidade-aldeia do interior, mal saída da Idade Média, com um ambiente dominado por uma aristocracia rural em vias de extinção mas ainda suficientemente forte para, por exemplo, reservar o acesso à *piscina municipal*, de manhã, aos meninos e meninas da ‘nobreza’, ficando a tarde para o povo em geral...

Ambos guardamos lembranças da 2ª Guerra Mundial. “Quase todas as noites os meus pais faziam as contas ao tinham ganho e gasto”, diz Jorge Sampaio. É claro que, no que me diz respeito, as contas eram mais difíceis, apesar de o meu pai trabalhar pelo menos 12 horas por dia, salvo nos domingos da parte da tarde. Para a minha mãe, a contabilidade das horas de trabalho é ainda mais complicada, porque não tinha horário de trabalho... Nunca fizeram férias, e eu, naturalmente, acompanhava os meus pais nas férias...

Foram tempos difíceis os anos da guerra e os anos que se seguiram. Eu recordo-me da confusão que me fazia ver o meu pai de ouvido encostado ao rádio, com o som baixo, a ouvir não sabia o quê, porque àquelas horas não havia relatos de hóquei em patins... Mas recordo-me, sobretudo, da caderneta do racionamento e de ir com a minha mãe à loja do Sr. Ernestinho levantar o nosso quinhão de arroz, açúcar, azeite, bacalhau e outros acepipes. E lembro-me muito bem de ir para a bicha da padaria (na altura não se dizia fila...) à espera do pão. Era horrível, parecia pez; mas às vezes tinha de ir para a escola sem comer o pão com o café (manteiga era comida de ricos...), não raro só ‘café de cevada’, porque não havia leite (a leiteira chegava tarde, sobretudo no inverno).

Uma leitura determinista diria que as nossas vidas nunca se encontrariam, tão diferentes são as nossas origens e o ambiente em que fomos criados. Mas a vida encarregou-se de mostrar o contrário.

Como ele, eu sou da colheita de 1939: ele nasceu em setembro, eu nasci em dezembro. Por isso ele entrou um ano mais cedo do que eu para a Faculdade, ele em Lisboa, eu em Coimbra. Mas chegámos de maneira diferente. Ele escolheu o Curso da sua predileção, a pensar na advocacia ou, talvez, na vida diplomática (ele, que é neto de um ministro dos negócios estrangeiros). Eu gostaria de ter seguido um curso de

Ciências, porque tive 20 valores a matemática no 5º ano e gostava muito de Física. Devo ao meu primo Mário Canotilho um conselho amigo: eu, se fosse a ti, ia para Direito, disse-me ele; se as coisas não correrem de modo a ganhares bolsa de estudo, podes tirar o Curso como voluntário. Foi este conselho que fez nascer a minha vocação para o Direito e mudou a minha vida.

O Jorge Sampaio foi, desde muito novo, um homem político, movimentando-se nos meios políticos e intervindo politicamente com muita intensidade. Eu nunca me seduzi pela vida política, mas, a partir da minha entrada na Universidade, depois das eleições do General Humberto Delgado, foi-me difícil não ir acompanhando o que se passava à minha volta. A ideia de ir parar à guerra colonial levou-me a equacionar a hipótese da deserção. Se não tivesse ido para a Marinha, creio que teria seguido esse caminho. Impressionou-me muito a decisão do meu Amigo António Novais Marques dos Santos. Na véspera de desertar, foi assistir à prova oral do meu exame de *Direito das Sucessões*. Para ver como se tirava a nota de 17 valores, disse-me ele. No fim do exame, deu-me os parabéns e despediu-se, dizendo-me que era militante do PCP (coisa que eu adivinhara há muito) e que, no dia seguinte, partiria para o exílio. Acrescentou que, fora da rede que o haveria de levar para França, só sabia disto a irmã, Maria Cândida, e eu. O António Marques dos Santos foi das pessoas mais inteiras que conheci em toda a minha vida. De algum modo, sucedi-lhe na direção da *Via Latina*, porque, em 1960/61, ele tinha sido, de facto, o Diretor do jornal da AAC.

4. - Esta *Biografia* tem muito de pessoal e conta muitas histórias de um grupo de amigos que almoçava muitas vezes no *Florida*. É, em certa medida, a história de uma geração, com toda a diversidade que cabe numa geração, mas também com o ambiente em que todos vivemos. Mas ela é também, a memória do que se passou em Portugal nestes últimos 50 anos, um painel com tanto pormenor que até eu apareço nestas memórias duas ou três vezes, certamente por bondade do herói desta história e do seu narrador. A um cabe o mérito de ter preservado esta memória, a outro cabe o mérito de a ter trazido ao conhecimento de todos.

Mesmo quando se fala da crise académica de 1962 – que foi, depois das eleições falseadas de 1958, em que apoiámos Humberto Delgado, o ambiente em que muitos de nós se formaram como cidadãos –, as lutas dos estudantes são assumidas como *lutas políticas*, contra o *fascismo* e contra a *guerra colonial*, enquadradas em outras lutas

mais amplas e, na minha ótica, mais importantes, as lutas dos trabalhadores e do povo em geral, o tal povo que não cabe nas crónicas mas nunca falta quando se trata de fazer a história.

Por isso, e muito bem, o livro destaca, em 1961, o desvio do *Santa Maria*, o golpe Botelho Moniz, a perda do enclave de S. João Baptista de Ajudá, a anexação na União Indiana do chamado Estado Português da Índia (17 Dez. 1961), o início da guerra de libertação nacional em Angola, o Golpe de Beja (na noite de 31 de Dez/1961 para 1 de Jan/1962). E fala das greves operárias de 1962 em vários pontos do País (Ribatejo, Alentejo, Porto, Almada, Barreiro) e fala do 1º de maio de 1962. E fala das divisões no seio da Academia de Lisboa quanto à atitude dos estudantes perante essas greves e à sua inserção no 1º de maio. Também em Coimbra esta questão foi debatida e também aqui houve divisões. De alguns estudantes então ligados ao PCP vinha, de vez em quando, o apelo à greve às aulas, em assembleias magnas onde não estavam cem estudantes... Eu (que não tinha nenhuma ligação com o PCP) e outros estudantes que eu ‘sabia’ ligados ao Partido entendíamos que o terreno ainda não estava preparado para tal sementeira e procurávamos acalmar as águas...

Muitas outras lutas transparecem nesta *Biografia*, ao longo dos anos nela abrangidos. Jorge Sampaio acompanhou muitas delas, em diferentes papéis.

5. - Já o disse atrás. Conheci o Jorge Sampaio em 1962, era ele secretário-geral da RIA e eu diretor da *Via Latina*, que viria a ser proclamada, em fevereiro/março desse ano, *jornal de todos os estudantes portugueses*. Foi nesta qualidade que participei, em Lisboa, em reuniões da imprensa universitária, em duas ou três reuniões na Casa dos Estudantes do Império e em algumas reuniões da RIA (pelo menos uma no Técnico e outra em Económicas, na Rua do Quelhas). E o Jorge veio algumas vezes a Coimbra, para conversas sobre os projetos comuns a Lisboa e a Coimbra, entre os quais o de realizar nesse ano *O Dia do Estudante* em Lisboa e o de dar corpo a uma estrutura representativa de todos os estudantes portugueses.

As questões que preocupavam os estudantes de Lisboa eram aquelas que nos preocupavam a nós, em Coimbra, sempre enquadradas na luta anti-fascista e, depois de 1961, na luta contra a guerra colonial.

A questão do Decreto 40.900 continuava viva em 1962, apesar de o diploma ser de 1956. Eu acho que nós empolvávamos um pouco, para falarmos de ‘questões associativas’ e conseguirmos aproximar-nos de alguns professores.

Também nós sonhávamos com a *União Nacional dos Estudantes Portugueses*, tomando como modelo a UNEF. Recebemos em Coimbra uma delegação da UNEF, não identificada, evidentemente. Para evitar ser ouvidos, não fizemos por menos: a reunião de trabalho com eles decorreu no alto da Torre da Universidade...

Em Lisboa aprovavam-se moções contra a prisão de colegas pela Pide. Nós fazíamos o mesmo. Recordo-me muito bem da votação de uma moção exigindo a libertação dos Colegas Barbosa e Ciborro Maia, sabendo que ambos estavam ligados ao PCP. Nunca conheci este último, mas vim a conhecer, já depois do 25 de Abril, o António Barbosa.

A questão da Índia provocou tensão na Academia de Lisboa. Em Coimbra também (tivemos de substituir o Presidente da Mesa da Assembleia Magna). Mas impedimos a votação de uma moção ‘patriótica’ de repúdio, apesar do dramatismo das vigílias com velas e tudo e das manifestações no Pátio da Universidade.

A censura nunca deixou sair a mais leve referência à guerra colonial. A única exceção foi a notícia da morte de dois Colegas em Angola, em setembro/1961. Dizia-se nelas que a morte, ocorrida “em tão dramáticas circunstâncias”, causou a maior emoção em toda a cidade (nº 132/133, de 28.11.1961). Como não se dizia que tinham morrido gloriosamente em defesa da Pátria, o reitor percebeu a nossa intenção, chamou-me ao gabinete e quase me acusou do crime de traição à Pátria...

A nossa programação para o ano de 1962 apontava para um final em grande, com a realização do *Dia do Estudante*, em Lisboa, no dia 24 de março, tendo como antecedentes alguns *convívios* inter-associativos (fiquei agora a saber que os *convívios* foram uma invenção do Pedro Ramos de Almeida...). Usando de alguma habilidade, ludibriei o pobre do capitão Piçarra, que era o chefe do serviço de censura em Coimbra. Tratava-me bem, porque tinha estado colocado como sargento na minha terra, onde tinha conhecido um tio meu, comerciante na praça. Mandeí compor na tipografia todo o programa numa secção em corpo muito pequeno, a que chamávamos *Porta Férrea*, onde inseríamos notícias de pouca importância, às vezes mais preenchida para, à última

hora, tapar buracos provocados pelos cortes da censura (para sair um número do jornal, era necessário fazer três...). Levei as provas à censura e meti conversa com o capitão, para o distrair. Ele sabia que aquela secção não tinha importância, e pôs o carimbo a autorizar a publicação. Saí dali a correr e fui logo à tipografia da Atlântida, na Rua dos Combatentes, mandar desfazer a primeira página e paginar tudo de novo, com letras grandes, para ocupar a página inteira. O programa saiu no número 140, de 28.2.1962. Na semana seguinte, o capitão disse-me que eu o tinha enganado e que tinha sido duramente censurado pelos chefes de Lisboa... Aconteceu o mesmo quando o convenci a deixar sair a *Trova do Amor Lusíada* (nº 144, 10.3.1962), do Manuel Alegre, argumentando que eram bonitas quadras populares. Lá bonitas são elas, comentou o capitão Piçarra, no que foi acompanhado pelo tenente, que era o intelectual da equipa... Mas dessa vez, pelo que ele contou, o raspanete dos 'chefes' foi mais violento.

A *Via Latina* foi o primeiro órgão da AAC a ser suspenso *sine die* (o último número é o de 7.4.1962), antes da suspensão da Direção-Geral (7.5.1962). Entretanto uma concorridíssima Assembleia Magna resolveu, no âmbito do *luto académico*, não fazer a *Queima das Fitas*, iniciativa de grande impacte em Coimbra e em todo o país e na qual me empenhei a fundo. Como havia compromissos financeiros assumidos, tivemos que declarar na Assembleia que esse problema estava resolvido. De acordo com a moda da época, acusaram-nos de receber dinheiro de Moscovo, mas a verdade é que algum dinheiro e a garantia de outros apoios, se fossem necessários, tinham vindo dos Drs. Salgado Zenha e João José Cochofel. Começámos a recolher fundos e, no fim de uma Assembleia Magna, levei para casa, na minha capa, 16 contos! Era muito dinheiro...

Aproveitando a circunstância, resolvemos para fazer campanha política, correndo o comércio da cidade a explicar as razões da nossa decisão, que afetava seriamente muitos dos nossos interlocutores. Fomos muito bem recebidos e alguns deram-nos dinheiro para ajudar a cobrir as despesas.

Depois, tentámos que as nossas secções desportivas não comparecessem aos jogos dos campeonatos em que estavam envolvidas. Isso aconteceu no basquetebol e creio que em alguma outra secção. Como se diz no livro, tentámos o mesmo com o futebol. Poderia contar algumas histórias, porque fui eu destacado para tratar do assunto com os jogadores, com um assessor de luxo, o José Óscar Monteiro. É que vários

jogadores eram das colónias e estavam comprometidos com os movimentos de libertação e nós não queríamos expô-los nem criar-lhes problemas de consciência. Para isso, a presença do *Osquinha* (já militante da FRELIMO) era fundamental.

Devo dizer que nunca levei muito a sério, em termos da luta global, estas lutas dos estudantes. Elas valiam o que valiam. O que me interessava era a repercussão que elas tinham junto da população. Ao ler uma carta minha para o Jorge Sampaio, escrita nas férias da Páscoa de 1962 a partir de Pinhel (carta que a Pide apreendeu), vejo que isto mesmo transparece nela, quando refiro que “a população, apesar de ser uma zona das mais atrasadas, está a viver os acontecimentos como verdadeiramente nacionais e está a dar-lhes a importância que lhes dão os próprios estudantes.”

6. - Como muitos jovens da minha geração, era enorme a minha admiração e o meu respeito por todos aqueles que, sacrificando tudo, militavam clandestinamente nas fileiras do PCP. Na esfera mais próxima das minhas relações, a minha referência era o Mário Canotilho, meu primo, meu irmão, meu camarada, meu Amigo, meu ídolo. Devo-lhe o permanente testemunho de uma vida digna e de uma amizade e confiança que ainda hoje me comove. Desde os meus doze anos, passava as férias grandes no seu escritório de advogado, para aprender a escrever à máquina (o meu pai pensava no meu futuro de manga de alpaca). Mas o Mário tratou-me desde muito cedo como se eu fosse crescido. E, realmente, eu acho que me tornei adulto muito cedo.

Em frente à oficina do meu pai moravam os pais de José Dias Coelho, de quem ouvia falar como se fosse um santo. A filha dele, a Teresinha, passava horas a fio na oficina, desenhando freneticamente. Nas conversas do Sr. Alfredo Coelho vinha muitas vezes à baila o nome do filho, e o de Margarida Tengarrinha, bem como o de Carlos Aboim Inglês (casado com a sua filha Adelaide) e, é claro, o de Álvaro Cunhal.

Na *Biografia*, alguém diz que Jorge Sampaio considerava Álvaro Cunhal “o homem mais inteligente que alguma vez tinha conhecido”, e outro testemunho refere que ele tinha uma grande admiração pelo PCP: “o partido é que tem operários, células, organizações, imprensa. Nós não passamos dos rapazes da bica...”. Ele falava do que sabia, porque teve muitos contactos políticos com o PCP e teve reuniões com Álvaro Cunhal, ainda antes do 25 de Abril. Não foi o meu caso, embora tenha convivido de perto (e até colaborado) com muita gente que eu sabia serem comunistas, ali na Sé Velha, o meu poiso diário durante os cinco anos do Curso.

Mas creio que a nossa geração de anti-fascistas (não falo dos outros, é claro) teve muitos ideais comuns. Parafrazeando o célebre discurso de Martin Luther King em Mêmphis (1963), poderíamos dizer *We Have a Dream!* Nós tínhamos um sonho. E creio que tivemos os nossos heróis comuns. Talvez possa reunir todos no mítico Che Guevara, que Jorge Sampaio, em mensagem que, com outros companheiros, dirigiu a Fidel Castro por ocasião da sua morte (outubro de 1967), classificou de “homem a todos os títulos admirável (...), herói que morreu lutando pela causa da justiça e da liberdade”.

A verdade é que nunca fui abordado para assumir tarefas de militante do PCP. Jorge Sampaio, pelo contrário, teve vários contactos políticos com o PCP e foi várias vezes sondado no sentido de se tornar militante do Partido. Nunca o foi, mas, encerrado o ciclo do associativismo estudantil, Jorge Sampaio partiu de imediato para a actividade política direta.

7. - Logo a partir de 1963, estriou-se como advogado de presos políticos, entre os quais muitos comunistas: Alda Nogueira, Domingos Abrantes, José Bernardino (seu antecessor como secretário-geral da RIA), José Ernesto Cartaxo, o alfaiate Joaquim Duarte (um daqueles heróis do povo que ninguém conhece e que não cabe nas crónicas, porque estas não contam a verdade toda...). Foi também advogado de outros ‘criminosos’: estudantes expulsos das universidades portuguesas por autoridades serventuárias do fascismo, e, mais tarde, pessoas ligadas às Brigadas Revolucionárias. De um daqueles processos disciplinares publicou em livro, juntamente com Salgado Zenha e Jorge Santos, as peças referentes ao de José Medeiros Ferreira. A PIDE apreendeu o livro, mas eu guardo dois exemplares autografados, oferecidos pelo Jorge Sampaio (um deles) e pelo Dr. Salgado Zenha (o outro).

Também por essa altura (1963), envolveu-se num movimento (o *Movimento de Ação Revolucionária* - MAR) que pretendia ultrapassar o PCP pela esquerda, através de ações armadas. “Estive lá do primeiro ao último minuto”, confessa Jorge Sampaio, que via no MAR, criticamente, mas “com um sorriso de carinho”, um movimento “pouco dado ao movimento, pouco expedito na ação e sem grande determinação revolucionária”.

Em Agosto de 1968, Salazar cai da cadeira, talvez a mais importante cadeira da história de Portugal... E Marcelo Caetano tomou posse como ‘Presidente do Conselho’

em 27.9.1968. Para alguns, mesmo da chamada Oposição, começava a *primavera marcelista...*

Em 1969, a Academia de Coimbra voltou a integrar-se nas lutas do nosso povo contra a guerra colonial. Foi uma luta rija e bonita, na qual me integrei, já como assistente da Faculdade de Direito. Passei, com alguns outros (nomeadamente o meu Colega Aníbal Almeida), muitas noites a trabalhar na defesa dos estudantes alvo de processos disciplinares e de processos judiciais. É um episódio não tratado na *Biografia*, porque o Jorge Sampaio andava então noutras guerras, como já direi.

Em maio de 1969, realizou-se em Aveiro o *II Congresso Republicano*, no qual Sampaio participou, mais uma vez em articulação (às vezes em discussão e em oposição) com os comunistas. Este Congresso e o trabalho dos meses que se seguiram inserem-se no trabalho político de preparação da mascarada eleitoral de outubro de 1969.

Jorge Sampaio foi candidato por Lisboa, na lista apresentada pela CDE (constituída por seis comunistas e seis não comunistas), rejeitando qualquer entendimento com todos aqueles que acolheram o novo ditador com “expectativa benevolente”, disponíveis para um “diálogo verdadeiro” com ele. Os socialistas e os anti-salazaristas republicanos concorreram à parte, na CEUD, em Lisboa, Porto e Braga, tendo averbado piores resultados que a CDE.

Em 1971 Jorge Sampaio é advogado de trabalhadores da Carris, ‘criminosos’ envolvidos num movimento grevista em julho de 1970.

Em 1972 iniciou a sua atividade como advogado do Sindicato dos Caixeiros e em 1973 ajudou a pôr de pé o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol.

Na sequência do conhecido episódio da Capela do Rato (31.12.1972), Sampaio viria a ser advogado do Doutor Francisco Pereira de Moura, entretanto demitido de Professor do ISEF. Também em Coimbra eu e o António Hespanha entendemos ser nosso dever protestar contra esta demissão de um professor qualificado e exemplar. Lançámos um abaixo-assinado, e a recolha de assinaturas proporcionou-nos um melhor conhecimento de algumas pessoas do meio universitário. Histórias que não são para aqui chamadas...

Em abril de 1973 realizou-se o *III Congresso da Oposição Democrática* em Aveiro. Jorge Sampaio e o seu grupo decidiram não participar, por entenderem que o Congresso era politicamente irrelevante e poderia ser aproveitado pelo marcelismo para dizer ao mundo que a gente da Oposição até se podia reunir em Congresso, preparando as eleições desse mesmo ano.

Fiz e faço uma leitura diferente desse Congresso, que permitiu uma aproximação política entre o PCP e o PS, que entretanto nascera. Jorge Sampaio e o grupo de que era líder natural afastaram-se da CDE, mas rejeitaram qualquer hipótese de filiação no novo partido, apesar de instâncias nesse sentido junto de alguns dos seus membros (incluindo ele próprio), por entenderem então que o programa da social-democracia europeia não passava de uma *gestão leal do capitalismo*.

Mas o Congresso de Aveiro trouxe consigo algumas clarificações importantes. Creio que ficou claro então que a luta pela democracia seria, em Portugal, inseparável da luta pelo socialismo. E ficou claro também que os democratas portugueses defendiam o direito das colónias à autodeterminação e à independência. Foram esclarecimentos muito importantes, que julgo terem influenciado de perto os redatores do futuro Programa do MFA.

8. - Em março de 1973 aconteceu o falhado *Golpe das Caldas*. Neste contexto, Jorge Sampaio, que não conhecia de perto as movimentações em curso no meio militar, admitiu, quando soube da movimentação militar no dia 25 de Abril, que poderia tratar-se de um golpe da direita kaulzista. Eu estava nessa altura em Paris a preparar o meu doutoramento. Mas nas férias da Páscoa tinha-me chegado às mãos um papel com um texto referido como Programa do MFA (ou algo parecido). Perante o falhanço das Caldas (já então de contornos pouco claros), acreditei que algo estava para acontecer.

Quando, pelas 07.30 horas da manhã do dia 26 de abril de 1974, o Diretor da Casa de Portugal na Cidade Universitária me chamou ao gabinete para ver na televisão francesa as notícias sobre o que se passava em Portugal, comecei aos gritos: é o fim do fascismo! Pouco depois, apareceram na *Casa* vários jornalistas franceses, que o Dr. Rogado Dias encaminhou para mim. Quando eu repetia que era uma vitória da democracia e que, se não me enganava muito, os partidos de esquerda iriam ocupar posições importantes, eles comentavam em coro: “Mais ils sont des militaires!”. E eu lá

tentei explicar-lhes que eram militares que tinham várias comissões de serviço na guerra colonial, que estavam fartos de combater numa guerra injusta e sem saída...

O que é certo é que, no dia 26 de abril, Jorge Sampaio estava, com outros democratas, junto da prisão de Caxias a exigir a libertação dos presos políticos. E no dia 27 publicava um artigo no *Expresso* intitulado “Socialismo – projecto de situação nacional”. No dia 1 de maio, ele esteve na rua a celebrar, em liberdade, o dia dos trabalhadores. Eu tinha vindo de Paris para ver a festa e tenho a alegria de dizer, com ele, eu estive lá, nesse 1º de maio. Só que, mais modestamente, eu estive em Coimbra.

Vim só ver a festa, mas já não regressei a Paris. As malhas que a democracia tece levaram-me a integrar o 1º Governo Provisório. Jorge Sampaio e os seus amigos do MES resolveram não aceitar qualquer cargo, por entenderem não fazer sentido colaborar com um governo da burguesia. Convidado para Embaixador na ONU, Sampaio foi pressionado pelo grupo do MES (que tinha horror ao poder...) a não aceitar. Acabou por não ser nomeado porque Spínola se opôs e Mário Soares não quis forçar a barra. Jorge Sampaio não gostou que esta história tivesse terminado assim. E eu, que tive conhecimento disso pouco depois, também não gostei.

Mais um ponto a aproximar-nos: o Spínola também não gostava de mim, porque pensava que eu era um perigoso comunista clandestino. Na altura dos cumprimentos, após a tomada de posse como Secretário de Estado, parou à minha frente e disse-me: “espero que cumpra com lealdade o Programa das Forças Armadas”. Eu respondi secamente: “Acabo de o jurar, senhor Presidente, e espero honrar o compromisso assumido”. E honrei, creio eu. Ele é que não.

Mais tarde, foram maquinações dele que me obrigaram a pedir a demissão de Secretário de Estado, pouco antes da substituição do Doutor Eduardo Correia no Ministério da Educação. Quando o Doutor Vitorino Magalhães Godinho foi a Belém comunicar que aceitava ser nomeado Ministro da Educação, Spínola ter-lhe-á dito que tratasse de organizar a equipa dos secretários de estado, como a condição de que eu não fizesse parte do elenco. Só que o Doutor Magalhães Godinho já me tinha convidado e respondeu-lhe: nesse caso, senhor Presidente, tem de arranjar outro ministro; ou o Dr. Avelãs Nunes é nomeado Secretário de Estado ou eu não serei Ministro da Educação. Spínola cedeu e eu lá continuei em comissão de serviço cívico. Quem conta esta história é o Doutor Magalhães Godinho, num livro sobre a sua passagem pelo *chamado MEC*

(expressão muito do agrado do MRPP quando nele militavam revolucionários da estirpe de Durão Barroso e Santana Lopes).

A *Biografia* aborda depois a ‘pequena história’ à volta do MES, de cuja fundação oficial Sampaio já não participou, por discordar das posições esquerdistas e sectárias da maioria. E passam depois alguns episódios do processo de consolidação da nossa democracia: o chamado *Golpe Palma Carlos*, a escolha de Vasco Gonçalves para Primeiro-Ministro, a manifestação spinolista da dita maioria silenciosa e as barricadas que se lhe opuseram. Sampaio participou nas barricadas em 28 de setembro de 1974, embora mais tarde tenha considerado que se tratou de uma asneira.

Também aqui se faz referência à renúncia de Spínola ao cargo de Presidente da República (não sem antes ter apelado à intervenção militar da NATO), e à sua substituição pelo General Costa Gomes. Um dia, em Praga, onde o acompanhei para uma reunião comemorativa dos trinta anos do *Conselho Mundial da Paz*, Costa Gomes confirmou-me que a Coordenadora do MFA pretendia que fosse ele a ocupar o cargo. Mas ele teve medo, por não ter contacto com civis da vida política, vantagem de que Spínola se gabava. E como ele sabia que Spínola gostava de ser Presidente da República deixou que as coisas, na Junta de Salvação Nacional, se encaminhassem nesse sentido. “Foi o maior erro da minha vida”, confidenciou-me Costa Gomes.

Em finais de outubro de 1974, Jorge Sampaio considerava arriscado fazer as eleições para a Assembleia Constituinte, nos termos e nos prazos defendidos pelo MFA. Acreditando que, nessa altura, estávamos “numa situação em que é possível fazer conquistas irreversíveis a caminho do socialismo”, Sampaio alegava, com alguma razão, que se corria o risco de, “através do jogo eleitoral”, “perder algumas conquistas fundamentais do 25 de Abril”, podendo mesmo acontecer que se “recupere aquilo que o 25 de Abril e os partidos de esquerda quiseram destruir”.

A minha leitura era, nesse tempo, não muito diferente da de Jorge Sampaio. Por ocasião da discussão do chamado *Plano Melo Antunes*, fiz uma intervenção no plenário do Conselho de Ministros (dezembro/1974), intervenção que o Dr. Mário Soares interpretou como uma proposta de nacionalização da banca e dos seguros. Foi o que ele me disse pessoalmente, num intervalo desse Conselho de Ministros. Eu não tinha feito, explicitamente, esta proposta, mas disse ao Dr. Mário Soares que, à luz das informações que o Ministro das Finanças ia dando ao Governo, admitia que alguma coisa tivesse de

se fazer nesse sentido, a curto prazo, se quiséssemos salvar a democracia. O Dr. Mário Soares respondeu que os nossos amigos da Europa não compreenderiam isso e deixariam de nos apoiar. Ao que eu respondi não compreender que autoridade moral tinham esses países para nos impedir de fazer agora o que eles tinham feito na sequência da 2ª GM, depois de nos terem condenado a sofrer durante mais trinta anos uma ditadura que cerceou a nossa liberdade e impediu o nosso desenvolvimento. Se, como MNE, ele tinha informações que fundamentavam essa sua opinião, deveria informar disso o Conselho de Ministros.

O Dr. Mário Soares mudou de agulha e defendeu que a nacionalização da banca e dos seguros (que estava prevista no Programa do PS, como recordaram nesse mesmo Conselho de Ministros o Dr. Armando Bacelar e o Eng. Pedro Coelho) provocaria grande agitação no nosso País, impedindo a realização das eleições no prazo previsto. Foi a minha vez de argumentar que considerava as eleições indispensáveis à vida democrática, mas que nada me custava adiar as eleições se tal fosse condição para garantir a sobrevivência da democracia. Nesta altura da conversa, o Dr. Mário Soares desligou: não diga mais nada, isso cava um fosso entre nós. Para o PS as eleições estão acima de tudo. E assim ficámos.

**10.** - Após o 11 de março, Jorge Sampaio foi Secretário de Estado da Cooperação do IV Governo Provisório, do qual viria a demitir-se, na sequência do estranho *caso República* (finais de 1975). Neste intervalo, Jorge Sampaio dá uma entrevista em que fala da necessidade de o próximo Governo tomar “medidas para a atual fase de transição para o socialismo” e não apenas “de destruição do capitalismo”, propondo, no plano da política externa, “uma marcha gradual e pragmática no sentido do afastamento da política de blocos”.

Entretanto, praticamente à mesma hora em que tomava posse o V Governo Provisório, vem a lume o chamado *Documento dos Nove*, que suscitou críticas por parte de Jorge Sampaio e do seu grupo. Porque o *Documento* não era claro acerca do papel dos partidos, nomeadamente o PS e o PCP. “Há revolução em Portugal em o PC?”, interrogava o grupo de Jorge Sampaio, preocupado em encontrar um caminho de construção do socialismo que escapasse à alternativa “entre o projeto burocrático do PC e o social-democrata de retorno ao capitalismo”.

Gorada a hipótese de um Governo chefiado por Carlos Fabião, o V Governo Provisório esgotou-se após a derrota de Vasco Gonçalves na Assembleia do MFA em Tancos (5.9.1975). Sampaio recusou integrar o VI Governo Provisório.

A *Biografia* refere as tentativas feitas naqueles dias de grande tensão para se obter um acordo político que garantisse a continuidade do processo revolucionário. Posso dizer que também estive envolvido nesse esforço. Durante uma boa parte do dia 24 de novembro de 1975 até às primeiras horas do dia 25, participei, a convite de militares da esquerda do MFA, numa reunião em que se trabalhou a todo o vapor na elaboração de um texto programático que pudesse servir de base a um Governo que tivesse o apoio dos militares ‘gonçalvistas’ e do *Grupo dos Nove*. O tópico estratégico era o de fazer tudo para conseguir um acordo com o *Grupo dos Nove*. Através de um contacto a alto nível, consegui apurar que este era também o empenho do PCP. Quando começaram as escaramuças em Rio Maior, eu e os outros dois ou três civis presentes abandonámos o edifício onde decorria a reunião. Trabalhando durante toda a noite, continuei a tarefa de secretário-redator que exercera ao longo do dia e concluí a redação do documento. A cópia tirada com papel químico do original que eu próprio dactilografei há-de andar em minha casa não sei onde.

Mais tarde, a leitura do livro *A Resistência*, do Comandante Gomes Mota, convenceu-me de que as movimentações em curso teriam mesmo de acabar em algo como o *25 de novembro*. Tal como se faz nesta *Biografia*, gostaria de sublinhar aqui a declaração de Melo Antunes na RTP, no dia 26 de novembro de 1975: “A participação do PCP na construção do socialismo é indispensável. Não me parece que seja possível, sem o Partido Comunista, construir o socialismo”. Todos concordaremos com Álvaro Cunhal ao considerar esta declaração “um importante contributo para a defesa da democracia”. Aqui lhe deixo a minha modesta homenagem.

Creio ser importante destacar também, neste contexto, a coragem e o sentido estratégico do PCP ao decidir realizar, no dia 7 de dezembro, um grande comício no Campo Pequeno. O discurso proferido por Álvaro Cunhal é uma crítica lúcida ao “verbalismo pseudo-revolucionário”, ao “voluntarismo de vanguarda”, à “política de golpes, de assaltos, de chantagens, de aventuras”. Muita gente estava envolvida nesta crítica. Pessoalmente, sempre associei a este discurso uma declaração posterior do Dr. Álvaro Cunhal durante um debate com o Dr. Mário Soares, em que, a certa altura, ele

disse que o *homem novo* ainda não tinha nascido e que tínhamos de fazer o que é preciso fazer com os homens que somos, tal como somos.

Em meados de dezembro já se respirava um ar diferente da atmosfera pesada que se seguiu imediatamente ao 25 de novembro. Na sua crónica no *Expresso* (17.12.1975), Jorge Sampaio lamenta que a esquerda não consiga ultrapassar “o eterno adiamento da sua unidade na ação”, afirmando que o 25 de novembro não pode significar “o princípio do fim da transição para o socialismo”.

Em janeiro de 1976, a *Intervenção Socialista* (estrutura entretanto criada pelo grupo de Jorge Sampaio, que ficaria conhecida por GIS) defendeu o reconhecimento do Governo do MPLA, porque ele *defende as aspirações do povo angolano e não serve os interesses do imperialismo*. Esta não era a posição de Mário Soares, mas o GIS continuava a insistir na necessidade da cooperação política entre o PS e o PCP.

Num Colóquio em Lisboa, em maio de 1976, Jorge Sampaio defendeu que o Mediterrâneo era a área da Europa onde, “neste momento, uma alternativa de transição para o socialismo vem a ser colocada na ordem do dia pela evolução da luta de classes”.

Aproximavam-se as primeiras eleições para o cargo de Presidente da República, e Jorge Sampaio movimentou-se, com outros democratas, no sentido de conseguir a candidatura do General Costa Gomes, para evitar a caminhada de Eanes para Belém. Também em Coimbra se tentou o mesmo. Integrei uma delegação que, tendo à frente o Doutor Orlando de Carvalho, fez uma diligência nesse sentido junto do Gen. Franco Charais, que nessa altura chefiava a Região Militar sediada em Coimbra.

**11.** - Depois, seguiu-se o Governo PS-CDS, a constituição da UEDS, à volta de Lopes Cardoso e de outras pessoas da esquerda do PS. O grupo do GIS optou por entrar em bloco no PS. Nas eleições seguintes (2.12.1979), a AD obteve maioria absoluta. Jorge Sampaio é eleito deputado por Lisboa.

De fora, muita gente dizia que os ex-MES (o GIS) acabaria por entrar no PS. Esta *Biografia* confirma que, no seio do grupo, essa hipótese era debatida. E nos textos do GIS (e nos artigos de opinião de Jorge Sampaio) sentia-se que o caminho se encurtava.

No seu *Canto Esquerdo* do *Expresso*, Sampaio defende, em 3.12.1976: “Estamos de acordo [com o PS] em que não se trata para já de construir o socialismo, mas trata-se de criar condições para que os avanços socializantes, as reformas revolucionárias que este país conheceu não sejam recuperadas”. Para tanto, Jorge Sampaio parece considerar essencial que não houvesse cisões no PS e que o PS “saiba manter a confiança e a adesão que conquistou junto das classes trabalhadoras”.

Recusada durante algum tempo, a decisão de aderir ao PS foi tomada coletivamente pelo grupo Intervenção Socialista, com a condição de que fosse aceita a inscrição de todos, condição que o PS aceitou. Um dos elementos mais influentes do grupo comenta deste modo: “o Mário Soares quem verdadeiramente queria era o Jorge. Os outros, engoliu-os”.

Na decisão do grupo da IS, para além de eventual aproximação com o PS no plano ideológico, pesaram razões de ordem pragmática, que estão claras nas páginas da *Biografia*. “Fomo-nos convencendo lentamente – reconhece Sampaio – de que, para ter uma atuação no país, era preciso estar, mais tarde ou mais cedo, numa grande organização”. “Não se faz política com 40 pessoas num 5º andar da Guerra Junqueiro”, “se queríamos ter uma participação política – concluía Jorge Sampaio –, tínhamos de mudar de emblema”.

E assim aconteceu. A única nota triste foi o facto de a entrada do grupo do GIS no PS ter coincido com a saída de Lopes Cardoso.

No Congresso do PS de 1979, o partido faz o pré-aviso de abandono do marxismo, propósito que se concretizaria em 1986, no Congresso que elegeu Victor Constâncio Secretário-Geral do PS. Encerrava-se um ciclo que começou quando Soares dizia a Cunhal que o que os dividia era Estaline; depois, a divisão passava por Lenine; finalmente, o abandono do marxismo como referência ideológica do Partido Socialista.

Para não correr o risco de meter foice em seara alheia, não vou analisar, meu Caro Jorge Sampaio, as discussões, as clivagens e as movimentações dentro do PS, nem a tua ascensão – previsível – dentro do partido, de membro do Secretariado a líder parlamentar e a secretário-geral, eleito em janeiro de 1989, dez anos depois da tua entrada no partido.

No discurso de encerramento desse Congresso do PS, terminaste com esta frase: “Com o PS tudo é possível!”. Ora eu pensava que o PS era responsável por políticas que *não deveriam ser possíveis* por parte de um partido que se dizia de esquerda, políticas que – na minha ótica, é claro – não serviam os interesses do Portugal democrático, que saiu à rua depois de abertas *as portas que Abril abriu*. O PS tinha metido o socialismo na gaveta, enveredando pelo caminho da *gestão leal do capitalismo*, tinha promovido a criação da UGT para “quebrar a espinha à Intersindical”, tinha inaugurado a precarização das relações laborais com os contratos a prazo, tinha sido demasiado condescendente com os salários em atraso e as dívidas à segurança social, tinha declarado guerra à reforma agrária e tinha iniciado o processo de desmantelamento do setor empresarial do estado. Mário Soares e os seus apoiantes tinham mesmo criado uma *Fundação de Relações Internacionais* com o apoio financeiro de Frank Carlucci, que desde 1978 era Sub-Diretor da CIA. Por isso, dei uma interpretação conveniente àquela tua expressão “Com o PS tudo é possível” (uma interpretação que não foi, por certo, a que tu lhe quiseste dar), para poder dizer-te, na carta que então te escrevi – uma daquelas cartas impertinentes com que, de vez em quando, invado a tua privacidade –, depois de te dar os parabéns pela tua eleição, que eu esperava que, contigo à frente do PS, *nem tudo fosse possível com o PS* (cito de memória).

Este primeiro volume da tua *Biografia* termina com o anúncio da tua candidatura à Presidência da Câmara Municipal de Lisboa, encabeçando uma lista resultante da coligação entre o PS e o PCP. Alguma coisa me diz que vamos ganhar as eleições e varrer a direita da Câmara da capital...

**12.** - Quando fui rever a prosa que acabei de ler, assaltou-me, sem surpresas para mim, a dúvida de sempre: Disse alguma coisa que valha a pena? É este o tom adequado às circunstâncias? Estive à altura do homenageado? Depois de cortar umas ‘gorduras’ (sinal dos tempos...), acabei por decidir manter o texto, no essencial. Por estar certo de que, como disse há anos na Sala dos Capelos, “os méritos de Jorge Sampaio são muitos e por demais conhecidos, não carecendo que eu os torne evidentes, nem correndo o risco de saírem ofuscados pela pobreza das minhas palavras”.

Jorge Sampaio tem sido, na vida, o que pretendeu ser. É a vitória de alguém que sempre fez política por imperativos de cidadania e que sempre teve uma “visão cultural da política”, que sempre faz política com afeto. “Não há nada que se faça na vida e na

política sem afeto”. É uma frase tua, que tirei da *Biografia*. Não posso estar mais de acordo contigo, eu que, por trás deste ar durão, escondo, sem querer, a minha natureza autêntica de homem de afetos e de emoções.

Em nome destes sentimentos, deixem-me recordar aqui alguns amigos que entram na história contada neste primeiro volume da *Biografia* de Jorge Sampaio, alguns dos tempos a que a história se refere, outros que só mais tarde conheci. Começo pelos que já partiram, sem qualquer critério, seguindo os apontamentos de leitura: Francisco Salgado Zenha, Carlos Alberto MacMahon, Jorge Aguiar, Joaquim Pires Jorge, Helena Cidade Moura, Paulo Jorge, Lúcio Lara, Rogério Fernandes, Abílio Teixeira Mendes, José Luís Saldanha Sanches, Lino Lima, Virgínia Moura, José Manuel Sampaio Cabral, José Joaquim Teixeira Ribeiro, Vasco Gonçalves, Ulpiano Nascimento, Carlos Aboim Inglês, Carlos Candal, Orlando de Carvalho, Luiz Azevedo, Álvaro Cunhal, Gilberto Lindim Ramos, Álvaro Seíça Neves, Armando Castro, Adriano Correia de Oliveira.

No abraço que vou dar a Jorge Sampaio, que possibilitou este reencontro, abraço alguns dos vivos. Agrada-me ter connosco neste momento o António Ferreira Guedes, a Maria Fernanda Dias, o Levy Baptista, o Pedro Nogueira de Lemos, o José Óscar Monteiro, o José Luís Santos Lima, o Jorge Santos, o José Vera Jardim, o Albano Nunes, o Ernâni Pinto Bastos, o José Lopes de Almeida, o António Abreu, o Alexandre Alves Costa, o Mário Brochado Coelho, o Carlos de Almada Contreiras, a Manuela Bernardino, o Carlos Alberto Picado Horta, o Carlos Carvalhas, o Sérgio Ribeiro, o António Arnaut, o José Manuel Mendes, o António Almeida Santos, o Jaime Serra e tantos outros.

Termino com as palavras finais da carta que te escrevi em 16 de abril de 1962: “Um abraço e manda sempre. Se precisares de alguma coisa, estou ao dispor”.

*Coimbra, 18 de dezembro de 2012*

*António Avelãs Nunes*